



“Educação como prática de Liberdade”:  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9871 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT02 - História da Educação

“NÃO BASTA COMPORTAR, É PRECISO CONFORMAR”: a (re)invenção do mobiliário escolar (1851-1889)

Gustavo Rugoni de Sousa - UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES/CNPq/FAPESC

**“NÃO BASTA COMPORTAR, É PRECISO CONFORMAR”:**  
a (re)invenção do mobiliário escolar (1851-1889)

Nos últimos anos, tenho me dedicado a compreender movimentos e discursos que envolvem a defesa da construção de um mobiliário escolar específico para compor as salas de aula a partir da segunda metade do período oitocentista de escolas públicas primárias. Em pesquisa desenvolvida para produção de tese de doutorado identifiquei, em projetos de escolarização da infância no ocidente, que os móveis escolares ocuparam lugar de destaque e figuraram como um dos símbolos da educação moderna. As análises realizadas indicam que a idealização e a fabricação desses artefatos passaram a ser orientadas para que atendessem a exigências pedagógicas e higienistas que, dentre outros elementos, buscaram privilegiar a conformação dos corpos.

A partir das investigações realizadas [1], foi localizado um conjunto de fontes e trabalhos do âmbito da História da Educação [2] que permitiram construir reflexões tanto sobre as idealizações em torno das configurações físicas do mobiliário escolar, quanto acerca de movimentos e projetos educacionais que perpassam a escola. Nessa empreitada, busquei identificar documentos publicados em diferentes países para perceber discursos em circulação sobre a materialidade escolar. Dentre esses, manuais pedagógicos, catálogos comerciais, relatórios de edições de exposições universais e impressos pedagógicos foram essenciais para as análises realizadas.

O mobiliário escolar é tomado aqui como objeto de pesquisa, o que implicou em um enfoque multidisciplinar, que reconhece que sua construção se sustenta em interesses e conhecimentos diversos, os quais circularam internacionalmente. O desafio teórico e metodológico, portanto, foi o de construir uma narrativa que possui como foco as demandas fabris, principalmente aquelas que podem ajudar a perceber investimentos realizados pela indústria moveleira oitocentista com o intuito de atender o mercado escolar, o que contribui para problematizar relações em torno da idealização, fabricação e comercialização de objetos para as escolas.

Dessa forma, optou-se por concentrar os estudos na segunda metade do século XIX, uma vez que esse período está relacionado à emergência de argumentos e exigências que procuraram constituir um modelo de escola que pudesse expressar a racionalidade científica, a qual definia a educação como um dos pilares para alcançar um próspero desenvolvimento econômico e social. A defesa da construção de um mobiliário considerado adequado ganhou

força a partir da confluência de movimentos de médicos, higienistas e de educadores que, em eventos internacionais e em diversas publicações analisadas, elegeram a revisão da materialidade escolar como um dos elementos fundamentais para que a escola, além de instruir, pudesse ser uma das instituições capazes de difundir hábitos e condutas que estivessem articuladas a ideias de progresso e civilidade.

Autores como Aida Terrón Bañuelos (2000), Heloisa Helena Pimenta Rocha (2010) e Antonio Viñao Frago (2010) destacam que as adequações nas escolas envolveram todos os elementos presentes nessas instituições. As práticas desenvolvidas para a escolarização da infância, a arquitetura e os objetos da escola passaram a ser pensados de modo que privilegiasse concepções médico-pedagógicas, as quais eram difundidas por meio de congressos, impressos e organizações de inspeções escolares. Esses eventos e publicações contavam com a participação de um número significativo de representantes de diferentes países e estavam articulados a um conjunto de iniciativas de variados campos do saber, os quais buscavam interferir na configuração do campo educacional. Dentre os critérios que contribuíram para a eleição da escola enquanto um espaço privilegiado para a difusão dessas ideias, ganhou força o entendimento de que a realização de práticas saudáveis com as crianças também poderia alcançar suas famílias, bem como seria fundamental para prevenir riscos patológicos resultantes da aglomeração em sala de aula e do uso de materialidades anti-higiênicas e antipedagógicas.

A noção de cultura material escolar tem auxiliado a perceber que os sentidos e significados sobre os móveis idealizados para a escola primária a partir da metade do século XIX passaram por ressignificações. Ao tomar como referência dicionários pedagógicos[3] que circularam em diferentes países nesse período, identifica-se que os entendimentos sobre o mobiliário escolar foram alterados. De uma compreensão mais ampla, que utilizava esse termo para se referir a todos os objetos presentes na sala de aula, passou a dizer respeito apenas àqueles de uso comum e que possuíam uma “utilidade permanente”. Além das definições de mobiliário escolar presentes em verbetes de dicionários pedagógicos publicados entre o final do Oitocentos e início do Novecentos, foi possível perceber uma preocupação de seus autores em destacar que esses artefatos deveriam estar em *condições adequadas* para serem considerados aptos para estarem nas salas de aulas, indícios que, entrecruzados com outras fontes exploradas no decorrer do trabalho, mostram que tais exigências se articulavam com critérios pedagógicos, higienistas e econômicos que circularam no período.

Em um contexto marcado por intensos debates e transformações sobre a renovação e modernização pedagógica, principalmente no que refere às reformas educativas realizadas para atender a expansão escolar, o mobiliário passou a ser pensado de modo que sua materialidade pudesse simbolizar os progressos científicos alcançados[4]. Dessa forma, a defesa de que os móveis escolares deveriam afastar-se daqueles considerados antipedagógicos e anti-higiênicos é um tema recorrente em diversas publicações analisadas. Os novos inventos deveriam estar associados aos princípios apresentados e difundidos em eventos internacionais realizados no século XIX, os quais tinham seus julgamentos sobre as materialidades legitimados como referenciais[5].

Afastando-se de uma perspectiva evolucionista, que identifica essas alterações como parte da natureza científica, os esforços não foram no sentido de realizar um mapeamento pontual das alterações de design e a incorporações de tecnologias ao longo do tempo, mas compreender o “lugar” que esse artefato passou a ocupar em projetos de escolarização da infância. A partir da investigação de relatórios, catálogos comerciais, dicionários, manuais, correspondências, entre outros documentos, foi possível observar a forte presença de argumentos em torno de um mobiliário que não deveria mais servir apenas como um item de apoio às práticas escolares, mas receber maiores investimentos por parte de médicos e

educadores, tornando-se, assim, um “problema” da competência do Estado.

Alçados como itens que poderiam expressar a modernização das salas de aulas, os móveis idealizados para as escolas precisam ser reconhecidos em suas múltiplas dimensões: econômica, higienista, pedagógica e de produção de sentidos. Assim como ensinam Martin Lawn (2018) e Escolano Benito (2017), o mobiliário escolar é uma modernidade que carrega e inventa modos culturais. Para impulsionar sua comercialização, esses artefatos passam a ser associados a discursos de progresso: anuncia-se uma promessa, a de que a posse de um mobiliário adaptado possibilitaria o acesso ao “futuro”, ou seja, àquilo que era considerado como moderno.

Nesse sentido, ao analisar os móveis escolares em uma perspectiva histórica, identifica-se que, para atender os modelos referenciais exaltados em publicações e em Exposições Universais, passaram a ser idealizados e fabricados de acordo com três dimensões: (i) *pedagógica*: os móveis precisariam facilitar o controle dos alunos em sala de aula e o acesso do professor às lições realizadas, assim como atender aos pressupostos do método intuitivo; (ii) *higienista*: facilitar o processo de limpeza e prevenir, por meio de um design que favorecesse o conforto dos corpos dos alunos e a organização dos materiais didáticos, deformidades nos corpos e doenças; (iii) *econômica*: privilegiar os interesses industriais e atender à principal base tecnológica do período, utilizando, de preferência, a madeira e o ferro como matérias-primas de produção.

Os investimentos realizados permitiram identificar uma ampliação da composição material da escola primária oitocentista, a qual esteve articulada ao desenvolvimento de uma indústria moveleira nascente e a constituição dos Estados Nacionais. Com a emergência de movimentos e discursos que defendiam que o uso da materialidade escolar está associado a construção de hábitos e condutas, esses artefatos passaram a estar no centro dos debates e a se articular a projetos político-educativos que tinham como objetivo fazer da escola um aparelho modelar, capaz de instruir as novas gerações de acordo com a civilidade almejada. Dessa forma, discursos e argumentos que circularam internacionalmente colaboraram para que um mobiliário considerado ideal passasse a ser fabricado em diversos países e fosse reconhecido como um dos símbolos da educação moderna, o que permitiu identificar a (re)invenção de seus sentidos e significados.

**Palavras-chave:** Mobiliário escolar. Indústria Escolar. Cultura Material Escolar.

### Referências:

ALCÂNTARA, Wiara Rosa Rios. **Por uma história econômica da escola**: a carteira escolar como vetor de relações (São Paulo, 1874-1914). 2014. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

BAÑUELOS, Aida Terrón. La higiene escolar: un campo de conocimiento disputado. **Revista Internacional de Ciencias Sociales**, n 20, 2000, p. 73-94. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=81396>. Acesso em: 14 jun. 2021.

BARRA, Valdeniza Lopes da. **Da pedra ao pó**: itinerário da lousa na escola pública paulista do século XIX. Goiânia: Gráfica UFG, 2016. 416p.

BUISSON, Ferdinand. **Rapport sur L’Instruction Primaire à L’Exposition Universelle de Vienne em 1873**. Paris, França. Imprimerie Nationale, 1875. 378 f. Disponível em: Biblioteca Nacional da França.

BUISSON, Ferdinand. **Dictionnaire de Pédagogie et d'Instruction Primaire**. Paris: Librairie Hachette et Cie., 1888. Parte I, Tomo II.

CAMPAGNE, Émile Mathieu. **Diccionario Universal de Educação e Ensino**. Traduzido e ampliado pelo tradutor nos artigos deficientes em assumptos relativos a Portugal. Nova Edição portuguesa ilustrada e consideravelmente aumentada com um crescido numero de artigos coordenados dos principaes escriptores de pedagogia por José Nicolau Raposo Botelho. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, v. 1, 1886.

CASTRO, César Augusto (Orgs.). **Cultura material escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades**. Vitória: EDUFES, 2018. (Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação no Brasil; v. 14).

ESCOLANO BENITO, Agustín. **A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia**. Tradução e revisão técnica: Heloísa Helena Pimenta Rocha e Vera Lucia Gaspar da Silva. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017. 280 p. Título original: La escuela como cultura: experiencia, memoria, arqueologia.

LAWN, Martin. A materialidade dinâmica da educação escolar: professores, tecnologias, rotinas e trabalho. In: GASPARGAR da SILVA, Vera; SOUZA, Gizele de; CASTRO, César Augusto (Orgs.). **Cultura Material escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades**. Vitória: EDUFES, 2018. p. 215-241.

PETRY, Marília Gabriela. **Da recolha à exposição: a constituição de museus escolares em escolas públicas primárias de Santa Catarina (Brasil – 1911 a 1952)**. 2013. 222 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

RIANT, Aimé. **Hygiène Scolaire: influence de l'école sur la santé des enfants**. Paris, França. 1874. 280 f.

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. A educação da infância entre a família, a escola e a medicina. **Educação em Revista**, v. 26, n. 1, abr. 2010, p. 235-262. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v26n1/12.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2021.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Higiene, salud y educación en su perspectiva histórica. **Educación, Curitiba**, n 36, 2010. p. 181 – 213. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n36/a13n36.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2021.

[1] Ao longo do processo de pesquisa foram realizadas incursões em diferentes acervos e arquivos, bem como em base de dados disponíveis on-line, dentre esses destaca-se o Arquivo Público do Estado de Santa Catarina (APESC), Acervo do Arquivo Público de Rio Negrinho – SC, Biblioteca Nacional da França, Biblioteca do Senado Federal, Biblioteca Nacional.

[2] Recomenda-se a leitura do livro organizado por Vera Lúcia Gaspar da Silva, Gizele de Souza e César Augusto Castro, intitulado “Cultura Material Escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades”, publicado no ano de 2018. Nessa obra é possível localizar um conjunto de produções de diferentes pesquisadores brasileiros e estrangeiros que possuem como enfoque a materialidade da escola primária.

[3] Para esse trabalho foram tomados como fontes o dicionário organizado por Ferdinand Buisson, publicado em Paris, no ano de 1888, intitulado “Dictionnaire de Pédagogie et d'Instruction Primaire”, publicado pela Librairie Hachette et Cia. Além desse documento, também foi consultado o dicionário elaborado por Émile Mathieu Campagne e traduzido para o português por Camillo Castello Branco, denominado “Diccionario Universal de Educação e Ensino”, publicado em Porto, Portugal, no ano de 1886.

[4] Compreendo que o mobiliário escolar construído para atender as exigências pedagógicas e higienistas do período possuem especificidades e características próprias, inclusive, é possível localizar produções do campo da história da educação que se dedicam a investigar as carteiras (ALCANTARA, 2014), quadros-negros (LOPES da BARRA, 2016), armário-museus (PETRY, 2013), entre outros. No entanto, mesmo reconhecendo essas especificidades, os móveis da sala de aula compartilham saberes e elementos em comum, os quais foram tomados como essenciais em seus processos de idealização e fabricação.

[5] A partir dos relatórios elaborados por Aimé Riant (1874) e Ferdinand Buisson (1875), foi possível localizar um conjunto de informações acerca de carteiras escolares premiadas na Exposição Universal de Viena 1873). O destaque dado a esses móveis nas análises dos autores possibilita compreender que foram reconhecidos como um

dos mais importantes para a escolarização da infância. Além disso, o grande número de modelos desses artefatos, divulgados por parte de distintos países, demonstra que uma carteira escolar adaptada ainda era um exemplar em construção. As análises de Riant e Buisson, por exemplo, evidenciam a preocupação em identificar as soluções mais eficazes e econômicas, uma vez que essas poderiam ser selecionadas para serem difundidas em larga escala.